

J. G. Ballard

ELSINORE

«Mordaz e inventivo.
Ballard no seu melhor.»

New Statesman



**OLÁ,
AMÉRICA!**

ÍNDICE

9

Nota introdutória do autor

—

11

1 A costa dourada

—

18

2 Colisão

—

25

3 A sereia afogada

—

29

4 Cargas secretas

—

40

5 Terra adentro

—

48

6 O Grande Deserto Americano

—

53

7 Os anos da crise

—

60

8 Terra da sede

—

67

9 Os índios

—

72

10 A nave espacial

—

80

11 A Sala Oval

—

87

12 Camelos e bombas atómicas

—

94

13 Para Oeste

—

99

14 O diário de Wayne: primeira parte

—

112

15 Gigantes no céu

—

117

16 O salvamento

—

125

17 A travessia das Rochosas

—

133

18 O sonho eletrográfico

—

143

19 A suíte de Howard Hughes

—

152

20 O diário de Wayne: segunda parte

—

171

21 Aterragem forçada

—

181

22 A câmara dos presidentes

—

186

23 A passarola solar

—

193

24 Um formado em Spandau

—

201

25 O cerco

—

208

26 Os mísseis

—

213

27 Amor e ódio

—

218

28 A sala da guerra

—

225

29 Contagem decrescente

—

234

30 O pelotão de fuzilamento

—

243

31 A fuga

—

249

32 Hora da Califórnia

—

NOTA INTRODUTÓRIA DO AUTOR

Nos Estados Unidos nasceram muitos dos sonhos do nosso século – e muitos dos seus pesadelos. Nenhuma outra nação construiu tão poderosa visão de si mesma ou foi tão bem-sucedida a exportá-la. Arranha-céus e autoestradas, *Buicks* e *jeans*, estrelas do cinema e *gangsters*, a Disneylândia e Las Vegas – conjuntamente, tudo isso gravou a imagem da América nos mapas da nossa imaginação.

Em tempos recentes, talvez o sonho americano tenha perdido algum brilho perante a dura realidade do crime violento e da pobreza nos arredores das grandes cidades, mas, no resto do mundo, e na sua essência, o estilo de vida americano mantém-se tão influente como sempre. Acima de tudo, ainda é Hollywood a ditar as regras da nossa cultura do entretenimento, e a imagem que projeta da América é muito mais poderosa do que a realidade.

Quando vou aos Estados Unidos, tenho amiúde a sensação de que a «verdadeira América» está não nas ruas de Manhattan ou de Chicago, ou nas cidades rurais do Midwest, mas antes na América imaginária que foi criada por Hollywood e pelos média. Longe de serem reais, os passeios, as bombas de gasolina e os edifícios de escritórios parecem imitar as imagens de si mesmos em incontáveis filmes e anúncios na televisão. Mesmo os americanos com que nos cruzamos nos átrios dos hotéis e nos grandes armazéns comerciais parecem atores numa *sitcom* à escala nacional. «USA» – assim poderia chamar-se um canal de realidade virtual a emitir 24 horas por dia, transmitido em direto em plena rua, nos centros comerciais e talvez mesmo na Casa Branca

(sobretudo durante a presidência de Ronald Reagan, cujo primeiro ano no cargo coincidiu com a publicação de *Olá, América!*).

Cadillacs, Coca-Cola e cocaína, presidentes e psicopatas, Norman Rockwell e a máfia... esse sonho que é a América vai continuamente decompondo os seus códigos, qual espiral de ADN ideológico. Mas o que aconteceria se olhássemos apenas para esse aspeto exterior dos Estados Unidos, e, com base nessas imagens, construíssemos uma América alternativa? Muito possivelmente, o simulacro revelaria algo da agenda secreta que se esconde sob a tão apelativa superfície do sonho americano.

Os Estados Unidos desenvolveram a ciência e a tecnologia mais avançadas que o mundo jamais viu, conseguiram pôr o homem na Lua e criar os supercomputadores que talvez um dia nos substituam, mas, curiosamente, trata-se de uma nação com uma cultura de entretenimento ao nível da banda desenhada e dirigida quase na totalidade a adolescentes entediados e violentos. Em *Olá, América!*, sugiro que o sonho americano possui uma lógica secreta que no futuro poderá culminar num qualquer presidente Manson a jogar à roleta nuclear em Las Vegas – ideia bem menos fantasiosa do que poderá parecer de início, se pensarmos no ator de Hollywood que ocupou a Casa Branca durante quase toda a década de 1980, alguém com a cabeça cheia de tralha herdada dos filmes antigos, que sonhava com mísseis de *lasers* saídos do universo *Star Wars*.

Ainda assim, e como o leitor irá descobrir, *Olá, América!* posiciona-se marcadamente do lado dos Estados Unidos e celebra o seu otimismo e autoconfiança, qualidades de que nós, os europeus, carecemos de modo flagrante. Por muito que eu tema que venha a haver um presidente Manson, a história termina com o triunfo das virtudes ianques tal como celebradas no século XIX, aqui personificadas no meu idoso inventor dos aviões de vidro. Por mais que queiramos resistir, os nossos sonhos continuam a trazer o carimbo «Made in USA».

A COSTA DOURADA

— A nda ver, Wayne! É ouro! Ouro em pó por toda a parte! Acorda! Afinal as ruas da América são *mesmo* de ouro!

Mais tarde, já com o *SS Apollo* encostado ao pontão abandonado da Cunard, na ponta sul de Manhattan, Wayne recordaria, divertido, o frenesim de McNair ao entrar de rompante no paiol das velas. O maquinista chefe gesticulava sem parar, e a sua barba resplandecia como se iluminada diretamente por uma lanterna .

— Wayne, os nossos sonhos tornaram-se realidade! Vem ver, tens de olhar pelo menos uma vez! Encandeia-nos, mas vale a pena!

Só não o fez cair da rede porque Wayne se apoiou contra o teto de metal. Examinou-lhe a barba incandescente. Uma fantasmagórica luz acobreada inundara o paiol das velas; os rolos de tecido que o cercavam eram agora dourados, como se o navio os tivesse trazido para o olho de um furacão radioativo.

— Espera, McNair! É melhor seres visto pelo Dr. Ricci! Podes estar...

Mas McNair já ali não estava; pelos vistos, tinha ideias de acordar o navio inteiro. Ouviu-o aos berros no paiol do carvão; decerto pregara um susto de morte aos dois fogueiros. Depois de uma longa noite de vigia, que durara até às 8 da manhã, Wayne tinha passado toda a tarde a dormir, e, enquanto isso, o *Apollo* ancorara a menos de um quilómetro da costa de Brooklyn, supostamente para que a professora Summers e a restante equipa científica da expedição pudessem analisar a atmosfera. Entretanto, já estava tudo a postos para seguirem caminho

e entrarem no porto de Nova Iorque. Desde a partida de Plymouth que não pisavam terra firme.

Por entre uma chiadeira de molinetes, as correntes da âncora rojaram pelos enferrujados olhais de proa. Wayne levantou-se da rede e vestiu-se à pressa. Olhou de fuga para o espelho rachado pendurado na porta e viu um rosto jovem e de olhos sobressaltados a fitarem-no de volta sob uma madeixa de cabelo loiro todo despenteado. Parecia um anjo trapalhão. Ao chegar ao convés, viu a chaminé expelir uma nuvem de flocos e a vela do traquete, que já estava a reluzir, encheu-se de centenas de pirlâmpos. Tripulação e expedição juntaram-se ao longo da amurada, todos a aguardar com impaciência enquanto as velhas máquinas do *Apollo*, exaustas no fim de uma travessia do Atlântico que se estendera por sete semanas, lutavam para avançar pelas águas paradas junto da costa.

Irritado com a sua reação – tremia de entusiasmo, como uma criança –, Wayne contemplou aquela visão magnética. A vasta linha costeira de Brooklyn estava envolta num brilho dourado refletido pelos molhes e armazéns em absoluta quietude. O sol da tarde incidia sobre as ruas desertas de Manhattan, juntando o seu brilho à resplandescência que as revestia. Por instantes, Wayne imaginou que todas aquelas avenidas e autoestradas se tinham engalanado com uma passadeira de tesouros preciosos para o receberem com toda a pompa.

Atrás do *Apollo* avultava-se a imponente Ponte Verrazano-Narrows, que ele já conhecia dos antigos diapositivos que vira na biblioteca da Geographical Society em Dublin. Passara horas a olhar pasmado para essa e mil outras imagens da América, mas claro que isso jamais poderia tê-lo preparado para a dimensão grandiosa daquela ponte suspensa ou para a sua misteriosa configuração. Era como se tivesse conseguido exagerar as suas linhas ao longo de todo um século no esquecimento. Vários cabos de suspensão tinham-se partido e a imponente estrutura acobreada, aqui e ali vestida de ferrugem e verdete, mais parecia uma harpa que se reclinara após a derradeira melodia dedilhada perante um mar indiferente.

Ao contemplar a cidade cada vez mais próxima, Wayne tornou a sentir que o cenário diante dos seus olhos nada tinha que ver com o contorno dos edifícios de Manhattan com que ele devaneara no escuro da sala de projeção da biblioteca. Por entre a luz da tarde despontavam dezenas de torres. Mesmo a uma distância de cinco quilômetros, as fachadas de todos aqueles edifícios muito altos resplandeciam como uma gigantesca cortina de espelhos de bronze. Pareciam estar a refletir ruas pejadas de barras de ouro. Avistou o velho Empire State Building, o venerável patriarca da cidade, as torres gêmeas do World Trade Center e a torre da OPEP, com a fachada voltada para Meca encimada por letras de néon, e que, com os seus duzentos andares, dominava Wall Street. Conjuntamente, formavam aquela linha que lhe era familiar, cujos cumes e desfiladeiros ele memorizara, mas que agora parecia transformada por aquele sonho dourado.

Parado junto das vigias da casa das máquinas, ouviu McNair aos berros com os fogueiros.

– Só as pás não vão chegar! Deve ser uma camada de quinze centímetros, pelo menos; veio arrastada no vento desde os Apalaches!

Perante aquela costa dourada, Wayne deixou-se contagiar pela excitação de McNair e saiu-lhe uma gargalhada. Com tão-só 25 anos, apenas mais quatro do que Wayne, McNair gostava de se dar ares de homem vivido, sobretudo de cada vez que levava alguém a ver aquela casa das máquinas que ele odiava, com as suas caldeiras a carvão, pistões bizarros e bielas que pareciam vindas do século XIX. Ainda assim, McNair era um perito e não havia nada que não pusesse a funcionar; até o mundo ele teria sido capaz de pôr nos eixos, quanto mais o SS *Apollo*. Era um digno herdeiro de Edison e de Henry Ford.

Não obstante o seu bizarro sentido de humor, McNair fora o primeiro a travar amizade com Wayne – apenas um jovem passageiro clandestino descoberto pelo Dr. Ricci, que dera com ele a tiritar sob a lona que cobria a guiga do capitão dois dias depois de deixarem Plymouth. Fora McNair a interceder junto do capitão Steiner para que Wayne

fosse autorizado a transferir a sua rede de dormir da húmida copa por trás da cozinha para a escuridão mais aconchegada do paiol de velas, talvez porque se revia na determinação daquele jovem em chegar aos Estados Unidos, já que ele próprio ansiava escapar de uma Europa exausta onde à noite apenas contavam com a luz das velas, onde tudo passara a ser racionado e já nada empolgava, onde deixara de haver oportunidades e apenas importava sobreviver.

E McNair não era o único a sentir-se assim; o *Apollo* vinha carregado de sonhos e motivos pessoais. Com a fuligem a cair pela chaminé e a chover-lhes sobre as cabeças, os outros ali na amurada iam apontando as costas douradas de Manhattan, de Brooklyn e da Nova Jérсия, mudos de assombro ante a esplendorosa recepção que lhes reservara um continente de que há muito já ninguém queria saber.

E então Wayne ouviu Orłowski, o minorca que liderava a expedição. Impaciente, ia gritando ao capitão Steiner que dessem mais velocidade ao transatlântico. Durante a viagem, o sotaque americano contaminara sub-repticiamente as suas vogais típicas de um ucraniano de Kiev, mas, de repente, desapareceu. De megafone de bolso junto aos lábios, berrou:

– Vamos, capitão! Avante a todo o vapor! Estamos a contar consigo! Não vai mudar de ideias agora, ou vai?!

Mas Steiner tinha o seu ritmo. De pé na ponte de comando, ao lado do timoneiro, as pernas firmemente afastadas, contemplava imperturbável a costa dourada, como um viajante experiente a aguardar o esfumar da miragem. Entroncado, porém dono de umas mãos curiosamente delicadas, iria a meio dos 40 e servira na Marinha de Israel durante quase vinte anos. Um entusiasta do xadrez que jamais desperdiçava uma jogada, mas, também, matemático diletante e um navegador de excelência, intrigara Wayne logo da primeira vez que o vira – quando, ao olhar da guiga voltada de quilha para o ar, se deparara com o sobrolho carregado do capitão.

Wayne estava seguro de que, tal como os demais a bordo do *Apollo*, também Steiner estava ali trazido por ambições secretas. Depois de o

descobrirem na guiga, o capitão ordenara-lhe que descesse ao seu camarote para conversarem. E então, quando ele abriu o seu cofre para guardar a pistola que confiscara ao Dr. Ricci, Wayne vislumbrou, por baixo da caixa das barras de ouro, um maço de antigas *Time* e *Look* atado com um cordel. As suas páginas, amarelecidas e amarrotadas como folhas de cobre, eram fósseis de uma América que deixara de existir há cem anos. E então, no final da segunda semana de viagem, durante um longo intervalo de calma, quando Wayne lhe veio trazer o jantar ao camarote, Steiner disse-lhe que entrasse.

- Não tenhas medo, Wayne.

Divertido, o capitão sorriu para aquele Tom Sawyer de alto-mar, com aquela sua trunfa loira, umas pernas que pareciam andas e uns olhos nos quais brilhavam sonhos insondáveis. A tremer de receio, Wayne encarou-o; sabia que Ricci e professora Summers tinham andado a tentar convencer Orłowski a ordenar um desvio pelos Açores para o deixarem em terra.

- Calma, rapaz; quem te vê com essa cara diz que foste apanhado a organizar um motim.

Ter-lhe-ia adivinhado o carácter empreendedor nos ombros largos e na tensão que agora lhe retesava a testa e o fizera cerrar o maxilar?

- Fica tranquilo, não vamos passar nos Açores. Quero mostrar-te uma coisa, só isso.

Esquecido do jantar, em que ainda não tocara, Steiner abriu o cofre e, em silêncio, desatou o maço de antigas *Time* e *Look*. Começando a passar as páginas desbotadas, mostrou a Wayne imagens do Centro Espacial John F. Kennedy, do vaivém a aterrar na Base Aérea de Edwards depois de um voo de teste e de um módulo de comando de uma nave espacial *Apollo* a ser resgatado do Pacífico. Seguiu-se um suplemento especial bicentenário a comemorar o que de mais marcante acontecera na América na longínqua década de 1970. Havia imagens das ruas de Washington cheias de gente no dia da tomada de posse do presidente Carter, de jatos particulares enfileirados nas pistas do

Aeroporto John F. Kennedy, de veraneantes regalados à beira das piscinas de Miami, ou a esquiam em Aspen, no Colorado, ou numa grande marina em San Diego, prestes a saírem com os iates – em suma, preservada naquelas fotografias em tons sépia estava toda a esplendorosa vitalidade de uma nação outrora extraordinária.

– Portanto, queres ir para a América, não é assim? Vejamos então a que ponto a conheces.

Embora o seu tom fosse cético, o capitão foi encorajando com um assentimento de cada vez que ele apontava mais uma imagem.

– Esta é fácil; é a Ponte Golden Gate. Isto aqui é o Caesar's Palace em Las Vegas. Isto é em Los Angeles, é o Mann's Chinese Theatre. Isto é o Fisherman's Wharf, um bairro turístico em São Francisco. Isto é a Edsel Ford Expressway, uma autoestrada em Detroit. Mais alguma, capitão?

– Por agora, creio que chega. Estou impressionado, rapaz. Não és um passageiro clandestino qualquer. Talvez venha a precisar da tua colaboração.

Nem um em mil europeus da idade de Wayne teria identificado aquelas imagens icónicas, quanto mais estar a par do seu significado. Infelizmente, há muito que a Europa, a Ásia e a civilização em geral tinham perdido o interesse pela América. Mas, nitidamente, Steiner intuía que, no caso de Wayne, não era assim.

– Com sorte, em breve estarás a ver todas estas coisas com os teus próprios olhos. – Tornou a guardar as revistas no cofre. – Diz-me uma coisa, Wayne: originalmente, a tua família era de que zona dos Estados Unidos? – Relanceou-lhe o físico esguio e ossudo e o cabelo cor de palha, um cabelo de miúdo. – Do Kansas? De algures no Midwest? Tens ar de texano.

– Da Nova Inglaterra! – A mentira saiu-lhe antes que ele se pudesse deter. – De Jamestown. O meu bisavô tinha uma casa de ferragens.

– Jamestown?

Steiner assentiu prudentemente, tendo o cuidado de não sorrir enquanto indicava a porta a Wayne.

– Para ti, será, sem dúvida, um regresso às origens. Quem sabe não és tu a dar o pontapé de saída para o reerguer da nação, Wayne. Quem sabe se não virás a ser o próximo presidente. De passageiro clandestino à Casa Branca; já aconteceram coisas mais estranhas. – Fitou-o, absorto, com aquele seu olhar de navegador sagaz, e Wayne viu-lhe algo de indefinível na expressão quase séria de que jamais se esqueceria. – Já pensaste, Wayne? Tornares-te o 45.º presidente dos Estados Unidos...

Porque mentira a Steiner?, perguntou-se Wayne.

Desviando o olhar da costa dourada, fixou-se na ponte de comando, onde, ao lado do timoneiro, Steiner erguera os binóculos para inspecionar as águas tranquilas do canal. Agastado, Wayne tamborilou com a mão direita na amurada. Podia perfeitamente ter dito a verdade, decerto o capitão teria compreendido, sendo ele próprio de certa forma um proscrito – afinal, era um judeu que voltara costas à sua nação para correr os mares. Porque não dissera, simplesmente: Não sei de onde venho, nem quem era o meu pai, quanto mais os meus avós. A minha mãe morreu há cinco anos, depois de passar metade da vida em consultas de psiquiatria e a metade que sobrou a cumprir mal e parcamente os mínimos como secretária na Universidade Americana em Dublin. Herdei apenas anos a fio de fantasias delirantes e uma linha em branco na certidão de nascimento. Diga-me antes o capitão: quem sou eu?

Galgando o talha-mar do navio, um súbito jorro gelado de espuma das ondas molhou-lhe as faces. Steiner falou para a casa das máquinas, ordenando que pusessem mais carvão na caldeira, e o transatlântico vogou baía fora como se atraído pelo magnetismo da costa, como se ali, na terra das oportunidades, a gravidade fosse mais forte. Recordando as palavras do capitão – ele, 45.º presidente dos Estados Unidos? –, tornou a pensar na sua mãe. Nos últimos anos de vida, já no manicómio, muitas vezes punha-se a divagar sobre o suposto pai de

Wayne, que ora era Henry Ford V, ora o último presidente dos Estados Unidos, aquele que se exilara, um homem profundamente devoto, de seu nome Brown, que morrera nonagenário num mosteiro budista em Osaka, sessenta anos antes de Wayne nascer. Mas, noutras alturas, ainda podia ser um tal Bob Dylan, um cantor *folk* de quem já ninguém se lembrava e cujos discos ela tocava continuamente num gramofone de corda que tinha na mesa de cabeceira.

Mas houve uma ocasião, um breve instante de lucidez durante a recuperação de uma *overdose* de barbitúricos, em que a mãe o fitou com um olhar perfeitamente sereno e disse que o pai dele fora o Dr. William Fleming, Professor de Informática na Universidade Americana, desaparecido sem deixar rasto durante uma funesta expedição aos Estados Unidos, vinte anos antes.

Na altura, Wayne achara que aquilo era mais uma fantasia. Mas então, ao examinar os pertences da mãe após a sua morte – uma deprimente confusão de bijutaria, recortes de jornal e conta-gotas, dir-se-ia uma loja de antiguidades com laivos insanos –, dera com um maço de postais atados com uma fita, todos assinados pelo Dr. Fleming e com carimbo de Southampton, na Inglaterra, de onde a expedição partira. O tom íntimo daquelas mensagens breves, a repetida menção de que estaria de volta a tempo do «grande dia» e o interesse e preocupação com a gravidez de uma jovem secretária igual a tantas outras acabaram por se lhe enraizar no pensamento.

Seria aquela sua obsessão com a América, há um século deixada para trás pelos seus antepassados desconhecidos, uma tentativa de encontrar o pai? Seria por isso que estava determinado em regressar ao continente perdido? Ou teria antes inventado a busca pelo pai para dar contornos romanescos à sua obsessão?

E, naquela altura, fazia alguma diferença? Obrigou-se a parar com aqueles pensamentos e, por entre os borrifos gelados das ondas, contemplou a linha dos contornos dos edifícios de Manhattan a ficar cada vez mais próxima, como se fosse o território a cortar a direito pelas

águas vigorosas para vir ao seu encontro e não o contrário. Tal como os seus antepassados desconhecidos tinham feito há séculos, também ele se pusera a caminho da América para esquecer o passado e para virar costas de vez a uma Europa acabada. Pela primeira vez desde que se escondera a bordo, sentiu que os demais que viajavam no *Apollo* eram seus companheiros, que os unia um compromisso depois de terem enfrentado juntos aquela longa travessia.

À sua direita e à sua esquerda, outros debruçavam-se da amurada sem fazer caso dos borrifos de espuma levantados pela proa ferrugenta, tripulantes e expedição lado a lado. Por uma vez, não achou o Dr. Paul Ricci insuportavelmente irritante. O janota e egocêntrico físico nuclear era o único membro da expedição com quem antipatizava; durante a viagem, talvez uma dúzia de vezes, entrara leve e descontraído na casa da navegação quando Wayne estava concentrado a estudar os seus velhos mapas das ruas de Manhattan e de Washington, sempre de sorriso tolo e pretensioso estampado na cara, como se a dizer-lhe que, de uma ponta à outra, os Estados Unidos eram território seu. Naquele momento estava ao lado da professora Summers, a quem ia apontando vários pontos icónicos da cidade.

– Vê aquele edifício, Anne? É o Ford Building, e além fica o bairro muçulmano, ou Little Syria. Esforçando-se, talvez aviste o Lincoln Memorial.

Teriam os avós dele vivido de facto em Manhattan, como ele afirmava?, ocorreu a Wayne. Quando se preparava para o corrigir, apercebeu-se do silêncio generalizado. Ao lado dele, Orłowski, o comissário da expedição, agarra-se a um cabo do mastro grande como se temendo que, com a velocidade crescente do *Apollo*, os seus pés diminutos deixassem o chão e ele fosse parar ao cesto da gávea. Já Ricci parara com aquela lição ridícula e enlaçara a cintura da professora Summers – estava a usá-la como escudo contra o refulgir da costa dourada.

E, por uma vez, Anne Summers não o repeliu. Não obstante o borrifo das ondas, a sua maquilhagem continuava impecável, mas o vento

começava a soltar-lhe os cabelos louros que ela usava apanhados num rolo severo. Por muito que se tivesse esforçado em contrário, a longa travessia do Atlântico trouxera-lhe frescura à tez saxã, refletiu Wayne, de tal maneira que o seu rosto descorado e a testa larga e muito branca tinham agora um brilho quase de adolescente. Wayne era o seu maior admirador. Certa vez, para irritação dela, entrara no laboratório de radiologia sem bater e surpreendera-a muito concentrada a olhar-se a um pequeno espelho, a pentear os cabelos, que, soltos, lhe davam pela cintura. Era uma visão de cortar o fôlego. Maquilhada como uma das antigas estrelas do cinema, era uma deusa do grande ecrã perdida em devaneios por entre os seus destiladores e contadores Geiger. Acor-dando do transe, ela insultou-o num americano surpreendentemente gutural que fez Wayne recordar um discreto comentário de McNair – que o verdadeiro apelido dela era Sommer e que o mudara tão-só meia hora antes de deixarem Plymouth.

Agora, porém, estava de volta a expressão serena e distante. Descansou o corpo contra o braço de Ricci e dignou-se inclusivamente sorrir a Wayne como se a dizer-lhe que estava tudo bem.

– Professora Summers, faz mal inalar ouro em pó? – perguntou-lhe ele. – Pode ser radioativo, não?

– O *ouro*, Wayne? – Com ar conhecedor, olhou para a costa resplandecente e deu uma gargalhada. – Não se preocupe, creio que a transmutação dos metais exige muito mais do que um sol forte...

Mas alguma coisa não estava bem. Sem saber ao certo porquê, Wayne recuou da amurada. Protegendo os olhos do brilho, atravessou o convés e subiu a escada de metal que levava à cobertura dos estâbulos. Sob os seus pés, inquietos nos compartimentos, vinte mulas e cavalos relinchavam por entre feixes de luz solar anormalmente intensos. Wayne apoiou-se um momento no ventilador, procurando acalmar-se, e, também, perceber que estranho pressentimento de perigo seria aquele. Agora que a longa travessia do Atlântico chegara ao fim, estaria a perder a coragem ante a ideia de que ia finalmente pisar solo americano?

Para lá do cordame e por entre o fumo, perscrutou as linhas costeiras de Brooklyn e da Nova Jérсия.

Saltava à vista que, a bordo do *Apollo*, só o capitão se mantinha imperturbável. Com todos os outros amontoados ao longo da amurada a festejarem a iminente chegada a terra firme, Steiner continuava ao lado do seu timoneiro, de binóculos focados num pequeno curso de água navegável cem metros adiante. Verificou a velocidade a que iam progredindo, depois olhou Wayne de relance, quase com modos de conspirador. Com a leveza de uma chalupa, o *Apollo* ia cortando a todo o vapor pelo mar picado, as suas máquinas antigas num esforço tal que a todo o momento rebentariam com o convés. Nos compartimentos, os cavalos mal conseguiam manter-se de pé, o subir e descer do navio a sacudi-los de um lado para o outro. Cauteloso navegador que por norma era, Steiner subira as velas até ao limite, como se tivesse resolvido terminar a viagem com uma exibição dos seus dotes de regatista.

Passaram pelo primeiro de vários navios de refugiados que tinham naufragado no porto. Dezenas de cascos enferrujados obstruíam a baía em volta da ponta sul de Manhattan, apenas os mastros e superestruturas visíveis acima da linha da água – eis o que restava do pânico vivido há um século, quando, por fim, a América se abandonara a si própria. Nos mosaicos de tinta a descascar que teimavam em manter-se agarrados às chaminés carcomidas, Wayne vislumbrou os vestígios das cores e dos logotipos de linhas de navegação há muito esquecidas – a Cunard, a Holland-America ou a P&O. Até o *SS United States* estava ali, tombado logo abaixo de Battery Park; já a gozar a reforma em Coney Island, fora chamado de volta ao serviço para transportar dezenas de milhares de americanos em fuga das cidades à medida que o deserto avançava para leste. A foz do East River estava impedida por um ajuntamento de cargueiros naufragados que tinham formado um dique flutuante – as últimas embarcações de uma lúgubre armada fretada em inúmeros portos por todo o mundo que acabou ali abandonada quando já não restava combustível para a travessia do Atlântico.

Ali no porto de Nova Iorque, esses tinham sido tempos de medo, exaustão e desespero. Wayne contemplou aquele cenário por entre as cortinas de borrifo das ondas que se levantavam da proa a estibordo, refletindo as cores do arco-íris. O *Apollo* desviou a rota para evitar o convés de voo do *USS Nimitz*. Igualmente ali tombado, o grande porta-aviões nuclear fora afundado pela tripulação revoltosa, que recusara abrir fogo sobre os milhares de pequenas embarcações e jangadas improvisadas que lhe impediam a partida. Wayne recordou as fotos e as filmagens granulosas desses últimos dias frenéticos da evacuação da América, quando Nova Iorque se encheu com milhões de retardatários vindos da região centro-oeste e dos estados que rodeavam os Grandes Lagos. Fugindo ao sol e ao deserto a poucos dias de os alcançarem, tinham descido pelas ruas de Manhattan para virem descobrir que os últimos navios fretados para a evacuação já tinham abalado.

– Capitão Steiner! Chegámos, capitão! Escusa de nos matar a todos!

Uma onda galgou a proa e alagou o convés, e, limpando a cara anafada na manga, Orłowski tornou a chamar o capitão, mas a sua voz perdia-se por entre o barulho das máquinas, o rugido cavo da chaminé e o repuxar das velas enegrecidas da fuligem e encharcadas pelo borrifo das ondas.

Steiner ignorou-o. Mal vacilando nas pernas robustas e de olhar fixo como se hipnotizado nas águas semeadas de destroços diante do *Apollo*, tornara-se um capitão enlouquecido, uma personagem de ópera. Sentindo o navio galgar as ondas e quase descolar das águas escuras e espumosas, Wayne agarrou-se à conduta de ventilação. Por baixo dele, os cavalos estavam frenéticos. Incidindo nos milhares de janelas dos prédios de escritórios vazios na baixa, o sol da tarde refletia-se no dorso quase líquido do ouro em pó que reluzia pelas ruas e vinha fustigá-los sem dó nem piedade. Talvez ali no cais estivesse toda a reserva de ouro de Fort Knox, ocorreu a Wayne, trazida pelas últimas unidades militares, que então a tinham abandonado por já não haver tempo para a carregarem num transatlântico rumo à Europa.

- Capitão Steiner! Já só estamos a três braças de profundidade!
Já quase não tinham mar pela frente. Os dois marinheiros que tinham ido lançar um fio de prumo pela proa gritaram em pânico.
- Capitão! Temos de desviar para bombordo! Está ali um baixio!
- Marcha à ré, capitão! Senão partimos a quilha!
- Capitão?!

A SEREIA AFOGADA

Em pânico, a tripulação ia correndo pelo convés e pela coberta. Um suboficial colidiu com o Dr. Ricci quando ele recuou da amurada. Aflita, a professora Summers acenou a Steiner, tentando avisá-lo, e dois aspirantes começaram a trepar pelos ovéns do mastro grande tentando alcançar a segurança do céu.

Entretanto, o *Apollo* já perdera metade da velocidade. As velas afrouxaram, e, no silêncio que então se instalou, Wayne ouviu o bafejar de fumo a subir da chaminé escaldante nas suas costas. Mas, então, ergueu-se um ruído cavo e dissonante, como o de uma lâmina de ferro a arranhar o casco. O navio estremeceu de alto a baixo e inclinou a estibordo como uma baleia ferida, ficando quase tombado de lado na água. Agora mal avançando, oscilava ligeiramente ao vento enquanto o hélice ia levantando uma torrente de espuma em volta da popa.

Todos a bordo correram de volta à amurada. Nos estábulos, os cavalos ergueram-se nas patas trêmulas e os seus resfolgos de protesto sobrepuseram-se ao barulho das máquinas. De um salto, Wayne desceu ao convés e interpôs-se entre Ricci e Anne Summers. Os marujos iam gritando entre si e apontando para a água, mas ele focou-se antes no capitão. Tendo caído ao convés, o timoneiro acabava de se erguer e ia esfregando os joelhos magoados. Enquanto isso, Steiner segurara a roda do leme como se nada fosse. O *Apollo* rodou no sentido dos ponteiros do relógio. O vento amainara e as velas estavam caídas. O capitão olhava fixamente as grandes torres de Manhattan, agora a menos de

um quilómetro. Wayne jamais o vira tão feliz. Teria ele feito a longa e arriscada travessia do Atlântico secretamente resolvido a afundar o navio a poucas centenas de metros do seu destino, para que todos os demais a bordo morressem e ele então fosse livre de pilhar a sós os tesouros que os esperavam?

– Wayne, ali na água! Consegue ver? – Sentiu Anne Summers segurar-lhe o braço. – É uma sereia adormecida!

Perscrutou as águas. O hélice do *Apollo* já não se movia e a espuma batida ia sendo dissolvida pelas ondas ligeiras que vinham embater no casco. Deitada de costas ao lado do navio, como a sua noiva afogada, estava ali uma enorme estátua, uma mulher reclinada. Estendida sobre um leito de blocos de cimento (as ruínas de um plinto debaixo de água), era quase do comprimento do *Apollo*. As suas feições clássicas estavam quase à superfície. Ao ver aquele rosto cinzento acariciado pelas ondas, Wayne lembrou-se da sua mãe já morta, tal como a vira ao espreitar ao caixão na casa mortuária do manicómio.

– Quem é ela, Wayne?

A professora continuava de olhos fixos naquele rosto impassível. Uma colónia de lagostas fixara residência nas narinas da figura. Ao vê-las assomarem dos seus domínios e olharem, curiosas, para o enorme *Apollo* ali tombado a pingar, Anne levou a mão ao seu narizinho perfeito, impressionada.

– Deve ser alguma deusa, não?

Paul Ricci abriu espaço à força entre eles os dois.

– Trata-se de uma divindade marinha aqui da região – informou, dando-se ares de intelectual charmoso. – Os americanos da Costa Leste veneravam todo um panteão de criaturas subaquáticas... De certo recordam a *Moby Dick*, ou *O Velho e o Mar*, de Hemingway, ou mesmo o grande tubarão branco carinhosamente apelidado de *Tubarão*.

Cética, Anne Summers tornou a olhar a estátua. A sua mão soltou-se da de Ricci.

– Um culto um tanto cruel e violento, não, Paul? Já para não dizer uma séria ameaça à navegação. – E então, quase como se fosse algo que nem valia a pena mencionar, acrescentou: – Acho que estamos a afundar.

Em consonância com tal facto, a gritaria já recomeçara.

– Capitão, temos um rombo! O navio está a meter água! – O suboficial reuniu os seus homens. – Liguem as bombas de porão da proa e mexam-se, ou já não saímos daqui!

Com a tripulação agora frenética a correr nas suas costas, Wayne deu com os punhos cerrados na amurada e saiu-lhe uma gargalhada. Compreendia agora o que faltara na imagem do porto de Nova Iorque que formara mentalmente e que o acompanhara na travessia do Atlântico.

– Wayne, por amor de Deus – disse Anne Summers, procurando acalmá-lo. – Vai ter de nadar, não sei se já percebeu.

– É a Liberdade! Não se lembra, professora Summers? – Apontou a costa da Nova Jérсия, onde uma ilha rochosa se erguia em pleno canal. Mesmo ao fim de tanto tempo, as ruínas do pedestal clássico continuavam ali. – É a Estátua da Liberdade!

Tornaram a fixar-se nas águas junto do *Apollo*. A tocha erguida ao longo de sucessivas gerações de imigrantes do Velho Mundo desaparecera, mas a coroa continuava na cabeça da figura – de resto, fora uma das suas pontas afiadas a abrir um rasgão de dez metros no casco do *Apollo*.

– Tem razão, Wayne. Meu Deus, parece que vamos mesmo ao fundo! – Aflita, Anne Summers olhou em redor, uma mão a segurar os cabelos loiros penteados em rolo. – Paul, o equipamento! Mas o que irá na cabeça do Steiner?!

E surgiu a primeira água ferrugenta, a espumar vinda das saídas das bombas junto do mastro da proa. Orłowski pusera-se aos berros com o capitão, o seu indicador gordo apontado em jeito de acusação. Mas Steiner ia passeando descontraidamente em volta do leme.

No seu olhar, um brilho satisfeito. Não fez caso do comissário ou do pandemónio no convés, e, ao comunicar com a casa das máquinas pelo tubo metálico, não poderia ter estado mais calmo.

Por baixo da popa, o hélice de duas pás recomeçou a zurzir a água. Da chaminé tornou a subir um espesso fumo negro. Pesadamente, o *Apollo* tornou a abrir caminho pelas ondas. A água gelada saída das bombas avançou pelo convés e, contornando os tornozelos de Wayne, saiu pelos embornais. Ricci e Anne Summers recuaram, mas ele deixou-se ficar ali, a olhar fascinado para a enorme estátua a distanciar-se deles. No auge da febre da evacuação da América, numa operação conduzida com a supervisão pessoal do presidente Brown, a Estátua da Liberdade fora descida do plinto e tinham-se feito todos os preparativos para que fosse levada para as novas colónias americanas na Europa. Mas, apanhado numa súbita tempestade, o batelão de madeira construído para transportar a estátua soltara-se dos rebocadores e afastara-se à deriva pela baía, acabando por perder a proa ao encontrar pela frente a aguçada quilha de um cargueiro naufragado. No caos absoluto dos últimos dias da evacuação, jamais se apurara a exata localização da estátua, que acabara esquecida para agora reemergir nas águas geladas do século seguinte.

A expedição acabava de fazer a primeira descoberta!

E foi naquele momento, enquanto um *Apollo* ferido e com o convés da proa alagado tentava alcançar o porto de Nova Iorque, que Wayne resolveu que, a partir dali, manteria um diário onde registaria tudo quanto de extraordinário fosse vendo ao longo dos meses seguintes. E já tinha a primeira dessas visões: a sua falecida mãe a dormir recoberta pelas ondas. Chegada a hora, mostraria esse seu registo ao Dr. Fleming, o seu antigo e futuro pai que o esperava ali, na América, nos paraísos dourados do Oeste.

CARGAS SECRETAS

Por fim, terra firme! O *Apollo* conseguira abrir caminho pelo meio dos destroços de embarcações, que tinham formado um imenso dique flutuante na foz do Hudson, e acabara por encalhar num banco de limos ao longo do antigo pontão da Cunard. Serenados pelo ruído das bombas a trabalharem e confiando que, caso o transatlântico acabasse por naufragar, conseguiriam nadar para terra firme, tripulação e expedição estavam agora em silêncio. Depois de o *Apollo* esconder a proa ferida nos limos húmidos, tinham tornado a juntar-se todos na amurada a contemplar os cais e desembarcadouros à sua frente, e, adiante, a cidade sem vitalma, com as suas torres muito altas, as suas ruas abandonadas e um milhão de janelas vazias iluminadas pelo sol da tarde.

Dali já se avistavam as dunas que se tinham formado por entre os desfiladeiros urbanos. Aqui e ali, a areia atingia os três metros de altura e há quase um século que não conhecia uma pegada; fora continuamente alisada pelo vento que soprava do rio e agora recobria-a uma película de ouro em pó – um tapete mágico, pensou Wayne, um sonho metalizado saído das histórias da sua infância. Susteve a respiração ao sentir como, ajudado pela maré vazante, o navio acabava de assentar na areia no fundo do leito, e rezou para que o silêncio e a calma que agora tinham descido sobre o *Apollo* não fossem o prelúdio a um corre-corre ganancioso.

O ouro chegava e sobrava para todos, era mais do que a riqueza com que tinham sonhado Cristóvão Colombo, Hernán Cortés e os conquistadores espanhóis. E então imaginou-os a todos de armadura, vestidos

a rigor para a coroação, ele de gibão dourado e calções, Anne Summers de saia dourada e couraça reluzente a realçar-lhe os seios, Paul Ricci trajando uma sinistra armadura negra e dourada, e Steiner, também de capa dourada, ao leme de um novo *Apollo*, banhado a ouro em todo o casco, prestes a iniciar a triunfal viagem de regresso a Plymouth e ao Velho Mundo.

Escutaram-se três longos toques – a sirene do navio. Wayne julgou que lhe iam rebentar os tímpanos. Ecoaram por entre os arranha-céus silenciosos, alcançaram o Central Park, ricochetearam de lá para cá e de um lado ao outro, e acabaram por se perder a quilómetros dali, na alta de Manhattan. Wayne ficou à escuta do derradeiro eco distante. De certa forma, aqueles três toques ensurdecedores assinalavam a sua chegada, rematavam a travessia do Atlântico e fechavam a porta ao passado antes de pisarem terra firme. Como os imigrantes de outrora, cada um deles trouxera um pequeno e preciso volume de bagagem, uma mão-cheia de esperanças e de ambições com que iriam negociar as possibilidades daquela terra nova.

McNair pensava em ouro. Estava na ponte de comando junto à proa, ao pé da escotilha do paiol do carvão, e limpava da barba os resíduos de pó de carvão. De olhos postos no cais da Cunard, foi matutando naquele outro pó de natureza muito distinta que recobria as dunas ao sol. Na luz do entardecer, a areia parecia bronze fundido. Como um oceano, o deserto invadira Manhattan e rodeara todas aquelas torres altíssimas. Um século de clima hostil abrira rachas nos Apalaches e libertara aquela imensa riqueza escondida nos seus veios.

McNair já estava a tentar alinhar um plano para levarem de volta toda aquela colheita refulgente. Usando pás ou uma máquina arrastadora, dispersariam o pó à superfície; parecia-lhe mais eficaz adaptarem uma ceifeira-debulhadora, porque então apenas teriam de percorrer as dunas e deixar a cabeça de corte recolher a preciosa camada cimeira.

«*Cadillacs, Coca-Cola e cocaína, presidentes e psicopatas, Norman Rockwell e a máfia... esse sonho que é a América vai continuamente decompondo os seus códigos, qual espiral de ADN ideológico. Mas o que aconteceria se olhássemos apenas para esse aspecto exterior dos Estados Unidos e, com base nessas imagens, construíssemos uma América alternativa? Muito possivelmente, o simulacro revelaria algo da agenda secreta que se esconde sob a tão apelativa superfície do sonho americano.*»

DA NOTA INTRODUTÓRIA DO AUTOR


Um século após o brutal colapso financeiro e a catástrofe climática que assolaram os EUA, ditando o abandono em massa do continente, o *SS Apollo* zarpa de Plymouth, Inglaterra, com um pequeno grupo de exploradores determinados em descobrir a fonte da radiação aí detetada — uma fuga numa central nuclear? Uma ogiva em decadência?; mas a América que encontram é irreconhecível: a partir das grandes cidades do Este, agora semi-submersas, estendem-se novos desertos, povoados por estranhas tribos, cidades-fantasma e ecos do passado; e, a Oeste, florescem agora florestas tropicais em redor de uma Las Vegas totalmente iluminada por néons, onde, nas mãos do presidente Charles Manson, se arriscam jogos de poder e loucura que poderão bem ser o início de um novo fim.

«Os seus romances não poderiam ter sido escritos ou, sequer, imaginados por outra pessoa que não ele.»

MARTIN AMIS

«Uma viagem épica de contornos míticos... divertido, comovente, lendário e poético.»

LITERARY REVIEW

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-564-458-2  9 789895 644582 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	